

GUERRA JUNQUEIRO

Na ante-vespera da sua partida para Lisboa, ha cerca de dois mezes, Guerra Junqueiro telegraphou-me, pedindo-me que o fosse vêr. Quando, no dia seguinte, entrei em sua casa, as suas primeiras palavras foram estas: «Pedi-lhe que aqui viesse para lhe dar o meu ultimo abraço. Amanhã vou para Lisboa e lá acabarei. Não nos tornaremos a vêr!»

Terrível presentimento, que, então, acolhi como qualquer dito alegre e despreocupado, mas que acaba de tornar-se na mais desoladora realidade! Foi esse, com effeito, o nosso ultimo abraço. Foi essa a ultima vez que nos vimos...

Perante o feretro, mal cerrado ainda, d'esse homem authenticamente illustre, reliquia d'uma *in-dyta* geração de grandes espiritos, que fizeram a gloria litteraria da sua epoca, d'esse homem que sempre admirei como poeta e artista, embora discordasse, ás vezes, do caracter, dos themas e dos propósitos das suas obras, com quem, politicamente, me encontrei, durante longos annos, em irreconciliavel divergencia,—não é o escriptor eminente, não é (com mais razão) o politico que, ao pegar agora na penna, avultam a meus olhos e principalmente suscitam o meu interesse.

Para onde, n'este primeiro momento de dôr, vão todo o meu espirito e todo o meu coração é para o amigo admiravel que, pondo de parte os antagonismos partidarios, e pleno motu proprio, sem que a lei, nem directa, nem indirectamente, me dirigisse, me procurou a hora incerta da adversidade e, persistentemente, fervorosamente, com uma dedicação inexcedivel—tantas vezes com o sacrificio da delicada saude!—durante dois annos, me cumulou de bondade, de carinhos, de confortos, velou pelo meu bem-estar, subiu, quasi atenuado, as ingremes escadas da relação, para me ir vêr ao meu carcere e foi, levantando-se da cama, onde o retinha uma crise da bronchite, perante o tribunal militar, para ali prestar o testemunho da minha honra e da minha probidade—único que pedi aos que, em meu favor, ali depuzeram. Dedicções d'estas tornam-se em impagaveis, insolúveis dividas de gratidão, prendem dois corações, não só para a vida, mas para além da campa. Porém, mais forte ainda do que estes elos que a elle me ligaram ligando, outro houve pelo qual mais poderosamente me sinto preso á sua memoria: foram as grandes, as commovidas lagrimas que lhe vi, compungidamente, chorar sobre o maior e mais cruel infortunio da minha vida! Desde esse dia, a pessoa de Guerra Junqueiro, velho amigo de mais de quarenta annos, com quem, mantendo sempre relações, tanta vez me encontrei em profundo dissidio, ficou para mim sagrada. E é-me grato cumprir o dever de confessional-bem alto á beira da sua sepultura.

Nestas circunstancias, tendo de falar d'elle, comprehendese a reserva com que me vejo forçado a referir-me ao politico.

E havendo sido o ultimo confidente das suas amarguras, das suas torturas intimas, dos seus desenganos, dos seus escrúpulos de consciencia, é-me vedado, por obvias razões de delicadeza moral, fazer d'esses desabafo de amigo para amigo como que uma arma para esgrimir com os meus adversarios. Podia ter isso a apparencia d'uma especulação politica, com que fosse profanar essa memoria amada e venerada.

Devo dizer, todavia, em seu louvor, que, os ultimos tempos da sua vida elle os empregou buscando, nobremente, reparar injustiças confessando e renegando

erros. N'uma nota das suas *Prosas dispersas*, publicadas em 1921, repudiou formalmente *A Velhice do Padre Eterno*, classificando-o de «livro mau e por vezes abominavel.» E o seu derradeiro trabalho litterario foi a preparação da 4.^a edição da *Patria*, na qual, em amputações extensissimas, elle cortou implacavelmente tudo o que havia de deprimente e offensivo para o caracter pessoal dos seus principais personagens, a começar pelo Rei.

Esse *acto de consciencia*, como elle proprio o qualifica na nota que escreveu para ser inserta n'essa edição, nobilita singularmente a sua figura. Nada marca melhor a sua figura do que o publico reconhecimento dos erros proprios. E' a victoria sobre nós mesmos. E' o amor proprio, é o orgulho esmagados pela mão poderosa do inflexivel sentimento do devêr.

Foi n'este estado d'alma, n'esta ancia de depuração moral, n'este severo exame de si mesmo, n'estes longos debates com a sua consciencia, n'este espirito de contricção, n'esta elevação quasi mystica para o amor, para a verdade e para a justiça, que a sua vida terminou. Não faz isto senão impol-o ao respeito de todos, amigos e adversarios. Não corresponder com esse sentimento á grandeza do seu fim, é não o comprehender e amesquinhar-nos, nós mesmos em face d'elle.

Deixemos, pois, o politico e consideremos o que, na alta personalidade de Guerra Junqueiro, especialmente o caracteriza: o poeta, o homem de letras.

Consagrado desde a morte de D. João, n'um periodo litterario onde fulguram os nomes de João de Deus e Anthero de Quental, elle entrou de rompante na gloria litteraria. A multiplicidade das facetas do seu espirito, a extensa escala das suas notas, que vão da epopeia á satyra e d'estas ao lyrismo o seu assombroso poder imaginativo, a sua opulencia d'expressão, o fulgor do seu verbo d'ouro, a magia evocativa do seu epitheto, o amplo folego das suas estrophes, o impeto torrencial da sua inspiração, a sonoridade do seu verso, o imprevisito das suas metaphoras, a graça e frescura da sua veia lyrica, empolgaram, desde logo, o gosto publico e deram-lhe, d'um dia para o outro, um dos primeiros logares no Parnaso portuguez.

Eram sensiveis n'elle as influencias francezas, um pouco de Baudelaire e Musset, muito de Victor Hugo. Houve quem, então, o classificasse de *doublure* de Hugo. Não era pequeno o elogio. Não se é *doublure* d'um gigante, sem se ter alguma coisa de gigantesco. Elle não conta com essa ascendencia espiritual. Era, como Eça de Queiroz, um ardente hugolatra. Deificava o Mestre; e tornava-se terrivel quando o defendia contra os heresiarcas do huguismo, como Anthero e Oliveira Martins.

Os seus alexandrinos caracolavam como corceis, engalopados triumphaes: rythmos largos e magnificos, resonancias estridentes como um nitrir victorioso, um ondear arrogante de crinas ao vento. Eram cargos que passavam heroicamente n'um estridor de metaes.

Com o tempo, adestrou-os, tornou-os d'uma docilidade extrema á sua mão forte e habil. Deu-lhes movimentos novos, successões bruscas de andamentos, elegancias ineditas. E, no *Prometheu*, infelizmente apenas iniciado, elle attingira, na forma, a *omnipotencia*—para me servir d'uma expressão sua, um tanto immodesta, na verdade, mas realmente justa.

Da trilogia que annunciara na *Morte de D. João*, só sahiu, além d'este poema, *A Velhice do Padre*

Eterno. Não vale a pena criticar esse livro, quanto ao seu pensamento quando o mais severo dos seus criticos foi o proprio auctor, repudiando-o. Mas, ali mesmo, além do esplendido prefacio, onde ha trechos sublimes e que era já um commentario explicativo destinado a atenuar as demasias da obra—que talento, que mestria no verso, que acidez no sarcasmo, que brilho de imagem, em muitas das suas peças, cujo valor artistico é indiscutivel, embora o macule um truculento voltairianismo, indigno do elevado espirito do poeta.

Nenhum d'estes dois livros é, porém, um poema. São composições avulsas, um feixe de poesias dispersas, muitas d'ellas, como na *Morte de D. João*, sem a menor ligação entre si.

Poema uno, completo, harmoniosamente architectado, esteado fortemente n'uma ideia, seria esse *Prometheu*, que os desvios de espirito de Junqueiro para a politica e para as tentativas d'uma vasta systematisação philosophica, em que se embrenhou durante annos, o não houvessem impedido de se lançar, corpo e alma, n'esse glorioso trabalho. Ha tempos o poeta mostrou-me o plano d'essa obra, com o resumo dos seus cantos e alguns dos poucos versos já escriptos. O plano era, na verdade, soberbo, genial, admiravelmente symbolisado,—o schema d'uma obra de larga envergadura e de profundo pensamento,—e a forma annunciava-se d'um maravilhoso poder expressivo e da mais inexcedivel pericia technica. Como ante a magnificencia inacabada das Capellas Imperfeitas, não se vê sem uma grande e decepcionante magua essa portentosa edificação apenas esboçada na sua traça e com um começo de portico e um ou outro panno de muralha, esplendidamente rendilhados.

Esse sim, esse seria um poema a valer,—um dos maiores poemas contemporaneos, com certeza. Tal como está deve ser incluído no muito que o seu auctor deixou para posthumamente se publicar.

Assim, a sua obra mais bella e harmonica no espirito e na forma, a sua incontestada obra-prima, ficarão sendo *Os Simples*. Ahi, o rictus satyrico desfaz-se na bocca do poeta e a emoção lyrica, sincera e vibrante, freme toda n'esses pequenos, mas sublimes poemets, da mais alta piedade humana ou do mais arroubado mysticismo naturalista, que formam a excelsa corôa de gloria d'esse excelso poeta.

A *Patria*, onde a arte do verso toca a meta do seu maximo poder e esplendor, é outro livro que lhe alarmou a consciencia no torturado occaso da sua vida. Esse não o condemnou inteiramente o poeta. Mas, como atraz já disse, quiz expurgal-o, na sua proxima edição, de tudo o que se lhe afigurou uma injustiça ou uma offensa para aquelles que, cruelmente, crivára dos dardos agudissimos da sua terrivel ironia. Toda essa obra pecca pelo virus politico que a infectou. Não é um poema dramatico: é um pamphleto atrabiliario.

Quiz fazer uma tragedia sobre um incidente diplomatico, cuja importancia as paixões de momento amplificarão e que, no fundo, não foi mais grave do que o de Fashoda, que ninguém, em França, tomou para thema d'uma obra litteraria. E fez uma coisa falsa, de grande injustiça, como elle proprio veio a reconhecer e confessar com honrosa nobresa e isenção.

A *Musa em férias*, com o seu commovido e adoravel prefacio: *Recordam-se vocês do bom tempo d'out'ora*.

Do tempo que passou e que não volta mais...

O *Finis Patrie*, outro pamphleto rimado, as *Poesias dispersas*, ha pouco publicadas são outras tantas demonstrações do seu talento de poeta e versificador, capaz de todas as notas e, em todas ellas, magistral. A *Oração ao pão* e a *Oração á luz*, inspiram-se já na sua evolução para o mysticismo, e, n'ellas, a par de concessões á maneira, e aos rythmos do symbolismo e decadismo, se encontram coisas da mais alta belleza, sendo só lamentavel que não tivessem seguimento nos outros poemets annunciados.

Eis, n'uma larga delineação, o quadro geral da obra do eminente poeta—obra desigual e sem unidade na sua grandeza, mas cheia de bellezas immorredouras, exuberante de talento, fulgurante de imaginação, soberba de imprevisito e inedito, rica de rythmos e de rimas, surpreendente de audacia e toda ella marcada pela dedada infundivelmente pessoal do altissimo mestre.

E' facil encontrar-lhe defeitos, exaggeros hyperbolicos, uma excessiva tensão do sublime, sob a qual se sente o artificio rhetorico, falta, ás vezes, de simplicidade, massas violentas de colorido que apagam as linhas estruturales do discurso—todas as demasias d'uma inspiração transbordante, d'um espirito poderosamente creador. Mas todas estas sessões não logram obscurecer a soberba resplandescencia do seu genio.

Ao lado de Anthero e de João de Deus, Guerra Junqueiro ficará representando as culminancias maximas da poesia portugueza na segunda metade do seculo XIX. E ahi, com esses, se poderá contar entre os nossos grandes poetas de todos os tempos.

As suas preocupações philosophicas obsediaram-n'o até aos seus ultimos momentos. O seu infortunio, de que amargamente se queixava, era não poder dar corpo ao montão de notas em que apontára os seus raciocinios e as suas conclusões. Estava absolutamente convencido de que conseguira formular um systema da interpretação do Universo e da Vida, em uma synthese que conciliara a crença com a razão, em que definia uma especie de fé raciocinada, em que baseava toda uma theologia sobre os dados positivos, mais recentes, das sciencias naturaes.

A sua portentosa imaginação levava-o, em largos vôos, quasi mysticos, para esses paramos do Infinito, onde se embebia em visões cosmogonicas e theosophicas. A attracção religiosa era, n'elle, profunda. E não me surpreendem as disposições do seu espirito na hora extrema, porque ainda ha bem pouco elle me affirmára a sua inabalavel crença n'um Deus pessoal e na immortalidade da alma e me revelára que era já muito reduzida a distancia que o afastava da Igreja. «Estou quasi catholico»—confessára-me.

Não sei se, nas centenas, senão milhares, de paginas, em que lançava os seus apontamentos, e que são como que o volumoso processo da sua evolução mental na ultima phase da sua vida, ha elementos bastantes para se coordenar e reconstituir o seu pensamento, a sua these philosophica, mas, decerto, embora desconnexos, ha-de haver ali altos conceitos, observações justas, fulgurações deslumbrantes do seu talento, formulas luminosas, algumas d'essas phrases incisivas e lapidares em que elle esculpia e dava forma ás suas ideias.

Junqueiro alliava, ao genio creador, um espirito profundamente penetrante e perspicaz. Era uma razão clara e logica, que, todavia, muitas vezes se transviava por

partir de bases erroneas. Via tudo por imagens, por symbols.

Um dia, fazia-me a comparação entre o santo e o sabio. Tirou o relógio e explicou-me: «Supponha v. que este relógio é a vida. O santo olha-o do lado do mostrador; o sabio do lado da machina. O santo sabe as horas que são, mas não sabe como o relógio funciona. O sabio sabe como o relógio funciona, mas não sabe as horas que são. Um está na verdade instintivamente, sem conhecer o mecanismo racional de verdade.

O outro conhece bem esse mecanismo, mas ignora a verdade». Como este, quantos similes, quantas phrases syntheticas, suggestivamente concretisadoras do seu pensamento, eu poderia relembrar!

A idade não attingira as multiplicas facultades do seu prodigioso cerebro. Estavam todas em plena força, em plena vitalidade. E, na hora suprema, quando a lampada de terrena argila se partiu, a chama não se apagou decerto, e deverá ter ido em busca da Absoluta Verdade, fervente aspiração da sua alma, por esses abysmos do Infinito, onde a materia se reduz apenas a minusculos grãos d'areia, separados pelos infindos desertos etheres, mas que o pensamento tem o condão de encher e penetrar até que se esvae como uma vaga morta ao limiar sagrado do Eterno Mystério, que é a sua perpetua e absorvente attracção!

Luiz de Magalhães.